

**Lazer, Turismo e Formação Profissional:
Refletindo Sobre o Lazer no Contexto dos Cursos de Graduação em Turismo de Minas
Gerais**

Christianne Luce Gomes¹
Tatiana Roberta de Souza²
Júnia Gontijo Cândido³
Ticiane Flávia Martins da Cruz⁴

Resumo: Este texto é fruto de uma investigação que focaliza a Graduação em Turismo de Minas Gerais e objetiva diagnosticar e analisar os conhecimentos desenvolvidos sobre o Lazer nos currículos desses cursos. Este trabalho sintetiza alguns dados referentes à pesquisa bibliográfica que fundamenta o estudo, complementados com resultados preliminares das entrevistas realizadas, até o momento, com 6 coordenadores de Cursos de Graduação em Turismo de Minas Gerais. Os desafios vividos pelos turismólogos nos dias atuais exigem a aquisição de competências não mais restritas a uma profissionalização especializada, mas sim ao domínio de múltiplos códigos e linguagens que possibilitem uma atuação intelectual ampla e flexível. Este profissional deve pensar o turismo não como um produto alienante a ser consumido, mas sim enquanto uma possibilidade de vivência do lazer significativa e enriquecedora, que deve ser experienciada de forma responsável.

Palavras-chave: Turismo, lazer, Formação Profissional, Graduação, Currículo.

Considerações iniciais: Apresentando o problema de pesquisa

Este texto é fruto de uma investigação, em andamento, que focaliza os cursos de Graduação em Turismo de Minas Gerais. Esta pesquisa objetiva diagnosticar e analisar os conhecimentos desenvolvidos sobre o Lazer nos currículos dos cursos de Graduação em Turismo, em Instituições de Ensino Superior públicas e privadas de Minas Gerais. Este trabalho sintetiza alguns dados referentes à pesquisa bibliográfica que fundamenta o estudo e apresenta resultados preliminares das entrevistas realizadas, até o momento, com 6 coordenadores de Cursos investigados.

Em meados da década de 1990, observou-se o alarmante crescimento dos cursos de Graduação em Turismo no Brasil. Tomando-se como referência o Estado de Minas Gerais, observa-se que apenas uma Instituição de Ensino Superior (IES) oferecia formação de nível superior nessa área, mas, a partir de 1997, surgiram diversos cursos de Graduação em Turismo, sendo a maioria vinculada ao setor privado. Considerando como referência o mês de

¹ Coordenadora da pesquisa, que conta com o apoio do CNPq e da FAPEMIG. Doutora em Educação. Coordenadora e Docente do Mestrado em Lazer/UFMG. Pesquisadora FAPEMIG – PPM. Email: christianneLUCE@yahoo.com.br

² Bacharel em Turismo e Mestranda em Lazer pela UFMG. Bolsista CAPES. Email: tatianasouza@yahoo.com.br.

³ Acadêmica em Turismo pela UFMG. Bolsista PIBIC/CNPq. Email: jugontijoc@yahoo.com.br

⁴ Acadêmica em Turismo pela UFMG. Bolsista PROBIC/Fapemig. Email: ticieumesma@yahoo.com.br

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

dezembro/2007, existiam 51 Cursos: quatro deles – ou seja, menos de 10% deste total – ministrados por instituições públicas e 47 em particulares; 13 desenvolvidos em Belo Horizonte e 38 em cidades do interior de Minas.

Certamente, essa célere expansão no campo da formação acadêmica é acompanhada de diversos problemas, dentre os quais: a escassez de professores qualificados e disponíveis para atuar na instituição em tempo integral, a falta de investimentos e a carência de produção bibliográfica consistente. Há, ainda, a subordinação da área aos valores determinados pelo mercado em detrimento de aspectos políticos, sociais, culturais, pedagógicos e científicos imprescindíveis a um processo formativo mais consistente⁵. Tais elementos são essenciais para promover uma sólida formação interdisciplinar, preparando os futuros bacharéis em Turismo para dialogar crítica e criativamente com o campo de atuação profissional, considerando outros elementos além das cifras que o setor é capaz de gerar.

Os aspectos econômicos do turismo são relevantes e explicam, em parte, a rápida e vulnerável expansão dos cursos de Graduação nessa área. Mas, como reconhecem a Organização Mundial do Turismo (OMT) e também o Ministério do Turismo, este é um fenômeno econômico *e social*. Mesmo que sejam relevantes para a atividade turística, é fundamental considerar outros elementos, priorizando a percepção do homem dentro do processo histórico, político e social inerente a este fenômeno. Neste âmbito, o campo de estudos sobre o lazer – fundamentado principalmente nas Ciências Humanas e Sociais – pode contribuir sobremaneira com as reflexões sobre o turismo enquanto um fenômeno que, além de econômico, segundo nossa compreensão *é também sociocultural*.

Esse outro olhar para o turismo indica que os referenciais geralmente enfatizados precisam ser repensados, pois, não atendem integralmente as necessidades de análise multi/interdisciplinar do turismo em uma perspectiva mais abrangente, que também contemple aspectos referentes ao lazer.

O entendimento de lazer presente nesta pesquisa é pautado na sua consideração como um direito de cidadania, direito este que pode ser exercido nas ações desenvolvidas pelas comunidades, pelo poder público, pelas instituições não governamentais e também pelas empresas privadas. Essa premissa amplia as possibilidades para a discussão de questões referentes ao turismo de lazer na realidade social mais ampla. Este é um dos aspectos que

⁵ A retração dos cursos de Turismo já está sendo verificada não apenas em Minas Gerais, mas, em todo o país, sendo inevitável o fechamento de muitos cursos de Graduação nessa área.

podem mobilizar as reflexões sobre o lazer no contexto dos cursos de Graduação em Turismo, baseadas na substituição da lógica do lucro, da exploração e do consumo alienado do divertimento pela busca de propostas mobilizadoras de ações cidadãs, preocupadas com a ênfase nos valores e interesses democráticos, solidários, incluídos e participativos (GOMES, 2008). Assim, nesta pesquisa o lazer é compreendido como: “uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.” (GOMES, 2004, p. 125).

Pensar o lazer nessa perspectiva não significa desconsiderar a possibilidade de que ele também pode constituir uma estratégia de manipulação e controle social. Além disso, relaciona-se o lazer com o sentido de algo não-sério, válvula de escape, fonte de consumo de bens/serviços e meio compensador de frustrações advindas dos problemas gerados em nossa sociedade, visões que necessitam ser repensadas⁶.

Outra compreensão que precisa ser problematizada no contexto da formação acadêmica na área do Turismo é aquela que reduz o lazer aos aspectos técnicos e operacionais da recreação, cabendo ao profissional conhecer um rol de opções e dominar a metodologia de sua aplicação com indivíduos de diversas faixas etárias, ocupando-os com jogos, brinquedos e brincadeiras superficiais e efêmeras. As vivências de lazer não devem ser tratadas como meros recursos metodológicos, mas como manifestações culturais que adquirem significados singulares em cada contexto e são essenciais para o turismo, uma vez que constituem o acervo cultural e o patrimônio histórico-social que se deseja apreender.

Ao vivenciarmos o turismo – afastando-nos ou não do ordinário e do cotidiano habitual – estamos propensos a interagir com mais acuidade com o ambiente, com as pessoas que nos cercam e até mesmo conosco, o que contribui para a afirmação da nossa própria identidade, revelando-nos assim que o turismo é um fenômeno relacional. Dessa forma, pode-se afirmar que o turismo é um fenômeno social e uma possibilidade de lazer, caracterizado pelo (re)conhecimento de um lugar extra-ordinário, no qual são estabelecidas as mais variadas relações (sociais, econômicas, históricas, políticas, culturais, afetivas etc.) em determinado

⁶ De maneira semelhante ao turismo, o lazer é apontado por analistas econômicos como a essência de um fecundo e promissor mercado. Trata-se da chamada “indústria do entretenimento”, comprometida com o consumo a-crítico de práticas recreativas padronizadas e destinadas ao público de massa. (WERNECK, STOPPA, ISAYAMA, 2001).

tempo e espaço. Viagem e pernoite não podem ser as únicas referências para o turismo, cuja vivência pode ser, constantemente, reinventada.

Metodologia

Esta pesquisa qualitativa, já submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, caracteriza-se pela realização de pesquisa bibliográfica e documental. A primeira utiliza a revisão de literatura como técnica para obtenção de dados (SEVERINO, 1991) e está sendo realizada a partir do estudo de livros, dissertações, teses e artigos científicos relacionados às temáticas centrais da pesquisa. Para a pesquisa documental, a técnica empregada será a análise de documentos, como leis, diretrizes curriculares, projetos e programas acadêmicos (BRUYNE; HERMAN, SCHOUTHEETE, 1977).

A pesquisa baseia-se também na realização de entrevistas com os coordenadores e professores responsáveis pelas atividades acadêmicas relacionadas ao lazer. Entre os 51 Cursos de Graduação em Turismo em Minas Gerais identificados no início do estudo (38 no interior de Minas Gerais e 13 na capital do Estado), foram considerados participantes do estudo aqueles que concederam, voluntariamente, anuência institucional formal. Foi obtida anuência de 9 cursos de Belo Horizonte e de 23 do interior do Estado de Minas Gerais, totalizando 32 cursos participantes da investigação. Cabe ressaltar que este número expressa, praticamente, a totalidade de cursos atualmente *em atividade* em Minas Gerais, pois, com exceção de apenas uma IES de Belo Horizonte (que não concedeu anuência), todas as outras concordaram em colaborar com o estudo. Os demais 15 cursos do interior do Estado identificados inicialmente já foram fechados.

O roteiro das entrevistas foi baseado nas seguintes informações: Nome do entrevistado e IES onde atua (dados mantidos em sigilo); área, instituição e ano de conclusão da Graduação; Cursos de Pós-graduação; Curso de Graduação que coordena ou no qual desenvolve atividades acadêmicas relacionadas ao lazer; concepção de lazer, de turismo e de currículo; conhecimentos sobre o lazer que integram o currículo do curso; como o lazer e o turismo se articulam nas propostas de formação acadêmica desenvolvidas na instituição; quais vivências relacionadas ao lazer são organizadas no sentido de buscar uma sólida formação profissional; quais áreas de conhecimento fundamentam as discussões sobre o lazer, qual a especificidade e a importância atribuída a este conteúdo no contexto do Curso. Com a concordância dos entrevistados os depoimentos são gravados e, posteriormente, transcritos na íntegra. Já foram entrevistados 15 coordenadores e 11 docentes, e essas entrevistas encontram-se em fase de transcrição, que é realizada paralelamente à coleta de dados. Até o

momento, foi possível transcrever 6 entrevistas de coordenadores (aqui consideradas) e 2 com docentes.

Fundamentação teórica: Currículo e formação profissional em Turismo

Para fundamentar a pesquisa proposta, optou-se por fazer uma revisão de literatura considerando contribuições importantes para especificar e contextualizar o objeto da presente pesquisa. Assim, no primeiro momento buscou-se empreender uma discussão conceitual sobre o lazer e o turismo e, em seguida, recorreu-se a embasamentos teóricos que pudessem fundamentar os cursos de Graduação em Turismo em nosso contexto. Privilegiamos uma abordagem que contemplou o processo inicial de constituição histórica da formação acadêmica em Turismo no Brasil, em nível superior, bem como o entendimento de currículo norteador desta pesquisa. Foram também desenvolvidas reflexões sobre as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Turismo, vigentes atualmente no Brasil, bem como sobre a temática da formação profissional nessa área. Alguns desses conhecimentos que fundamentam a pesquisa serão apresentados a seguir.

A década de 1970 marcou o surgimento dos primeiros cursos de Graduação em Turismo no Brasil. Cursos considerados mais técnicos, como o Turismo, eram incentivados pela política vigente, principalmente se procurassem atender as demandas do mercado de trabalho, em que eram vistos por alguns empresários da educação como uma boa oportunidade de investimento, o que propiciou o aumento da oferta deste curso.

O currículo mínimo que fundamentou a criação dos cursos de Turismo no Brasil foi determinado pelo Parecer nº 35/71, que regulamentou a formação de “*planejadores de turismo*”. Essa Resolução especificou, no art. 1º, que os cursos de Graduação nesta área seriam os responsáveis pela formação do profissional, capacitando-o para atuar no planejamento e organização do turismo. Este documento fixou, entre outros aspectos, as disciplinas que deveriam integrar o currículo mínimo do curso de Graduação em Turismo: *Sociologia, História do Brasil, Geografia do Brasil, História da Cultura, Estudos Brasileiros, Introdução à Administração, Noções de Direito, Técnica Publicitária e Planejamento e Organização do Turismo*. Além dessas disciplinas, era necessário realizar estágio em instituições oficiais e privadas de turismo e hotelaria (TRIGO, 1998; SEREJO, 2003).

Mesmo com as determinações legais, as IES contavam com um relativo grau de liberdade para definir o currículo pleno do curso. De acordo com o art. 7º, do Parecer nº 35/71, ao organizar o currículo do curso de Turismo, cada IES poderia acrescentar matérias

que considerasse necessário, desde que a sua duração mínima compreendesse 1.600 horas/aula, integralizadas no mínimo em dois e no máximo em quatro anos.

Verificamos que a maioria das publicações que trata deste assunto limita-se à apresentação cronológica de criação dos cursos de Turismo no Brasil, apresentando poucas informações que possam enriquecer o estudo sobre a formação profissional e acadêmica na área do Turismo. O primeiro foi criado em 1971, em São Paulo, na Faculdade de Turismo do Morumbi (atualmente Universidade Anhembi-Morumbi). Serejo (2003) observa que, embora não conste na relação de cursos de Turismo pioneiros no Brasil, elaborada por Trigo (1998), outro curso de Graduação nessa área foi criado, em 1974, em Belo Horizonte. Tendo como mantenedora a Organização Bandeirante de Tecnologia e Cultura de São Paulo – a mesma instituição responsável pela Faculdade de Turismo do Morumbi – em 1974 inaugurou-se, na capital mineira, a Faculdade de Turismo de Belo Horizonte, designada pela sigla FACTUR.

De acordo com Serejo (2003), pelo fato de terem a mesma instituição mantenedora, havia uma coligação entre os cursos oferecidos pela Faculdade de Turismo do Morumbi e pela FACTUR. Esta última era considerada uma “filial” da primeira e, por este motivo, teve sua estrutura curricular organizada em São Paulo, de maneira que os objetivos, a estrutura curricular e as denominações das disciplinas já vieram prontos para a implantação do curso na capital mineira. Aos professores da FACTUR coube a tarefa de elaborar a ementa das disciplinas, assim como os programas das disciplinas em que atuariam.⁷ Com esta medida, como discute Santomé (1995), lamentavelmente muitas instituições de ensino enfatizam as culturas dominantes em seus projetos curriculares, desconsiderando a pluralidade cultural na qual está inserida.

Serejo (2003) constatou que os estudos do lazer integraram o curso de Turismo pesquisado por várias razões: associação direta e até mesmo mecânica que havia entre os temas lazer e turismo, que eram vistos como indissociáveis; por questões pragmáticas, utilitárias e funcionalistas, como válvula de escape das tensões diárias, para descansar, entreter e divertir os turistas; e, principalmente, por questões econômicas, turismo e lazer já eram percebidos como uma grande possibilidade de negócios e de gerar riquezas.

⁷ Serejo (2003) observa que os docentes ainda não compreendiam o turismo e nem detinham conhecimentos acadêmicos sobre o tema e, por isso, tinham dificuldade para organizar os programas de disciplinas e selecionar os conteúdos, uma vez que as referências bibliográficas da área eram muito escassas. Muitos docentes foram contratados por terem uma relação com o mercado de trabalho da área ou pelo simples fato de terem viajado por vários países. Este problema não ocorria apenas em Belo Horizonte, mas, também, em nível nacional.

Em nosso cotidiano acadêmico e profissional, observamos que essas questões prevalecem nos dias atuais, e com isso, observa-se a formação de um aluno mais pragmático, utilitarista e integrado à lógica do sistema vigente. Concordamos com Serejo (2003) quando afirma que não se deve negar a formação técnica do bacharel em Turismo, em favor de um humanismo que prescindia desse aspecto, mas demonstrar a importância de ambos. Afinal, os aspectos técnicos têm contribuído para o desenvolvimento de novas tecnologias, maior produtividade, um aumento da riqueza das nações e tantos outros fatores que justificam o seu valor. Porém, o excesso dessa racionalidade técnica acaba por desumanizar a razão, como pontua Giroux (1986) ao refletir sobre os estudos de vários autores ligados às chamadas teorias críticas de currículo.

Nesta pesquisa, o entendimento de currículo fundamenta-se principalmente na produção de autores como Apple (1982); Giroux (1997); Goodson (1995 e 1997); Sacristán (2000) e Silva (1999). De acordo com estes autores, nenhuma teoria é considerada desinteressada – como preconiza a tradicional visão de currículo –, pois está intrinsecamente associada às relações de poder. O eixo norteador do currículo configura-se à medida que são enunciados os marcos conceituais, os pressupostos teóricos que orientam a área e respectivos campos de formação, os objetivos do curso e as competências gerais/específicas do profissional que se pretende formar.

Ao deixar de ser visto apenas como um rol de disciplinas ou programas, o currículo passa a ser compreendido como um conjunto de diferentes vivências, organizadas no sentido de buscar uma sólida formação profissional. Neste âmbito, uma visão ampliada de currículo no ensino superior precisa prever o reconhecimento, enquanto aproveitamento de créditos, de variadas experiências: participação em programas de monitoria; em projetos de iniciação científica e aperfeiçoamento; em estágios supervisionados; em eventos científicos; em cursos realizados por outros Institutos de áreas afins; em grupo de estudos e em projetos de ensino, pesquisa e extensão, dentre outras. É importante, ainda, que os profissionais em formação elaborem um trabalho de conclusão de curso (monografia, artigo, resenha crítica de livros ou outro tipo de trabalho sistematizado), aspecto fundamental para a produção de novos conhecimentos.

É importante ressaltar que o ensino do turismo, em seus diferentes níveis, necessita de “um educador com formação estruturada para tal fim, tendo plena consciência da

multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade necessária no entendimento deste fenômeno” (CATAMBRY; COSTA, 2005, p. 24).

Essas medidas nos fazem pensar que os currículos dos cursos de Graduação em Turismo podem ser desenvolvidos a partir da perspectiva proposta por Giroux (1997). Segundo este autor, o currículo deve estar centrado na idéia de “política cultural”, que significa um repensar em torno de seus programas e suas práticas cotidianas como um todo.

Para Gunn (1998), antes de se pensar o currículo em turismo, é preciso considerar três variáveis principais: a definição de turismo que permeia o curso; o nível de educação ou treinamento e os assuntos que circulam nas disciplinas acadêmicas. Por ser uma área multidisciplinar, o turismo tem a especificidade de depender da produção de conhecimento de outros campos, e de disciplinas diversas para fortalecer seu campo conceitual. Por essa questão, não há um modelo de currículo para o campo, este será pensado de acordo com as aproximações que fizer: “turismo e hotelaria”, “planejamento turístico”, “gestão em turismo” entre outros. O currículo de turismo deve prover aos estudantes ferramentas necessárias para a atuação profissional e educá-los de maneira que compreendam suas futuras responsabilidades no campo, gerando a necessidade de ampliar as discussões sobre os impactos sociais, econômicos e ambientais da atividade turística.

Tribe (2002) destaca que a formação profissional deve ser composta por quatro domínios fundamentais: ação profissional, reflexão profissional, reflexão liberal e ação liberal, e o currículo deve equilibrar tais funções. Para a formação profissional em nível superior em turismo, ele sugere que se foque na formação de “práticos filosóficos”. A proposta deste autor convida ao desenvolvimento de um currículo que privilegie a ação e reflexão, o que permitiria o pensamento crítico nos cursos de formação profissional como antídoto ao tecnicismo, e o realismo profissional como solução para os programas que formam exclusivamente para o pensamento crítico, virando as costas para o mundo do trabalho.

Resultados parciais das entrevistas realizadas

Até o presente momento foram realizadas 26 entrevistas, das quais 7 com coordenadores e 6 com docentes de instituições de Belo Horizonte, e 8 coordenadores e 5 docentes de instituições do interior de Minas Gerais. Serão apresentados a seguir os dados preliminares de entrevistas feitas com 6 coordenadores de cursos de Graduação em Turismo,

dos quais 5 são de instituições privadas localizadas em Belo Horizonte e um pertence a uma instituição pública, situada no interior do Estado.

No que se relaciona à formação dos coordenadores, os dados iniciais da pesquisa apontaram que estes são em sua maioria Bacharéis em Turismo graduados em Instituições de Ensino Privadas. Outras áreas de formação encontradas foram: Comunicação e Administração. Todos os coordenadores que participaram da pesquisa realizaram cursos de Pós-graduação *lato* ou *stricto sensu*. Todos obtiveram o título de Mestre e um está, atualmente, cursando o Doutorado. As áreas em que estes concluíram o mestrado foram: Turismo (1), Hospitalidade (1), e Turismo e Meio ambiente (2), Geografia (1), Comunicação e cultura (1).

Nota-se, por meio dessas diferentes formações, que o turismo se caracteriza pela inter e multidisciplinaridade, pois, acredita-se ser este “interdisciplinar porque todas as áreas devem estar ligadas; multidisciplinar porque exige o concurso de uma ampla variedade de áreas do conhecimento” (BARRETO, 1997, p. 141).

A maioria dos coordenadores (4) está vinculada exclusivamente à instituição, tendo uma carga horária de trabalho de 40 horas semanais. Um deles trabalha 36 horas semanais e o outro exerce uma jornada de trabalho semanal de 20 horas. Apenas um deles possui vínculo com uma segunda instituição de ensino. Dos 6 entrevistados, um atua na coordenação do curso há 4 anos e outro há 3. Os demais assumiram este cargo há menos de 18 meses. E além de atuarem na coordenação, cinco deles ministram duas ou mais disciplinas no curso de Graduação em Turismo que coordenam.

No que se refere a jornada de trabalho destes coordenadores, acredita-se ser de grande relevância o exercício de um vínculo institucional de dedicação exclusiva à coordenação dos cursos, pois tal disponibilidade amplia o nível de engajamento do professor no desenvolvimento de sua função como coordenador(a). Entender a construção social do currículo significa analisar, cuidadosamente, vários aspectos: práticas políticas e administrativas que integram o desenvolvimento do currículo; condições organizativas, estruturais e materiais; qualificação dos professores; diversidade de idéias e de significados que o modelam em sucessivos passos de transformação. Assim, com dedicação integral, o coordenador pode estar mais próximo da realidade do curso e do contexto.

Na visão de 5 entrevistados o lazer e o turismo possuem relações. Um coordenador entende que o lazer está mais relacionado com a hotelaria e outro afirma não existir vínculos

entre lazer e turismo. O lazer foi compreendido por um dos coordenadores como uma segmentação do turismo ao afirmar que este deve ser utilizado como mecanismo de motivação para o turista. Dois coordenadores afirmaram ser o turismo uma possibilidade de vivenciar o lazer e um deles compreende este fenômeno como uma experiência humana no tempo livre, uma prática para a formação humana, para o bem-estar, qualidade de vida, felicidade e realização pessoal.

Mediante as diversas visões apontadas pelos coordenadores aqui analisados no tocante ao entendimento de lazer e sua interface com o turismo, pautamo-nos na idéia de que “por mais que alguns autores tentem se sobrepor, ou mesmo reduzir, um fenômeno ao outro, é preciso conceber que ambos se recortam mutuamente, possuindo um núcleo comum, mas conservando subáreas autônomas.” (Camargo, *apud* ARAÚJO, 2009, p. 147).

Conforme relato dos coordenadores, duas das instituições pesquisadas desenvolvem, em seus currículos, projetos de extensão relacionados ao lazer. Uma delas possui, além de projetos de extensão, um grupo de estudos que trata desta temática e tem como objetivo fundamentar a ação dos acadêmicos no âmbito do projeto de extensão. Nenhuma das instituições aqui representadas desenvolve, atualmente, projetos de pesquisa relacionados ao lazer. Percebe-se, assim, que a maioria dos cursos desenvolve apenas disciplinas. Contudo, como visto, o currículo precisa envolver outras possibilidades, adotando uma visão ampliada para uma proposta de ensino superior que, assim como colocado por Tribe (2002), privilegie a ação e reflexão no contexto dos cursos de Graduação em Turismo.

A educação deve fornecer ferramentas para que os estudantes possam interpretar, avaliar e analisar as variadas situações e conhecimentos em diferentes contextos (COOPER et al., 2001). Uma formação sólida e abrangente cria maiores possibilidades de intervenção na sociedade, permitindo o empreendimento de ações coerentes com a situação em questão.

Neste sentido, os profissionais da área do turismo necessitam ter um conhecimento amplo das funções que lhes cabem, tornando-se capaz de atuar em diversas situações, e se pautar nas competências técnica, científica, política, filosófica e pedagógica e no conhecimento crítico da realidade (ARAÚJO, SILVA, ISAYAMA, 2007). Além disso, devem possuir maturidade, percepção e competência para analisar os diversos pontos objetivos e subjetivos do cenário onde atuam (TRIGO, 2000) e necessitam de uma formação continuada na área.

Considerações finais

Considerando os conhecimentos apresentados e discutidos neste texto, ressaltamos a importância de investir na formação de um profissional em turismo que questione a realidade, que assuma uma posição reflexiva face aos processos sociais e busque uma atuação comprometida com a mudança das contradições existentes em nosso meio. Este profissional deve pensar o turismo não como um produto alienante a ser consumido, mas sim enquanto uma possibilidade de vivência do lazer significativa e enriquecedora, que deve ser experienciada de forma responsável. O lazer deve ser compreendido por ele como um direito social e uma possibilidade de produção cultural, fatores básicos para a democratização de nossa sociedade.

No decorrer do processo formativo, a prática deve se constituir como parte indispensável para o desenvolvimento dos conteúdos teóricos, para que se tenha um profissional competente frente às diversas realidades colocadas. Este profissional precisa saber aplicar os conhecimentos adquiridos frente a situações imprevisíveis, tendo capacidade crítica e reflexiva sobre as circunstâncias que o cercam, pensando o sentido de suas ações, interrogando-se sobre possíveis alternativas para o turismo, planejando e avaliando os resultados alcançados coletivamente com a atividade.

Após realizarmos a coleta de dados nas demais instituições que concederam anuência, daremos continuidade ao processo de análise dos dados obtidos. Posteriormente, os resultados alcançados por meio da pesquisa realizada serão disponibilizados integralmente, conforme solicitado pelos participantes do estudo. Espera-se, assim, contribuir com o aprimoramento e aprofundamento dos conhecimentos sobre o lazer no contexto dos cursos de Graduação em Turismo de Minas Gerais, em particular, e de outros Estados brasileiros, tendo em vista conferir uma maior consistência teórica e crítica à formação acadêmica e à atuação profissional nessa área.

Referências

- APPLE, M. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARAÚJO, M.; SILVA, M. C.; ISAYAMA, H. F. *O Lazer nos cursos de Graduação em Turismo de Belo Horizonte: Uma análise Documental*. ENAREL, 2007.
- _____, M.; ISAYAMA, H. F. *As fronteiras entre turismo e lazer*. Lazer em Decate, 2009.
- BARRETO, M.. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 8 ed. Campinas: Papyrus, 1997.
- _____, M; SANTOS, R. J. Fazer científico em turismo no Brasil e seu reflexo nas publicações. *Turismo: visão e ação*. Itajaí, v 7, n.2, 2005.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

- BRASIL, MEC/CNE. PARECER CFE Nº 35/71, aprovado em 28 de Janeiro de 1971 e RESOLUÇÃO S/N de 28 de Janeiro de 1971: fixa os mínimos de conteúdo e duração do Curso de Turismo. In: MEC/CFE – CURRÍCULOS MÍNIMOS DOS CURSOS DE NÍVEL SUPERIOR. 2. ed. Brasília, DF: 1975. p. 342-343.
- BRUYNE, P.; HERMAN, J., SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CATRAMBY, T. C.; COSTA, S. R. R.. Estudo de caso sobre a capacitação docente na área de turismo no estado do Rio de Janeiro. *Caderno Virtual de Turismo*. Vol. 5, Nº 2 (2005). Disponível em <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=87>>. Acesso em 14 de julho de 2008.
- COOPER, C. et al. *Turismo, Princípios e Prática*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- DENCKER, A. F. M.. *Estado e Educação no Brasil: O Caso do Ensino do Turismo*. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0746-2.pdf>>. Acesso em 04 de agosto de 2008.
- GIROUX, H. A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. *Teoria Crítica e resistência em educação*. São Paulo: Vozes, 1986. GOMES, C.L. (Org.). *Dicionário Crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- _____. C. L. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. 2.ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- GOODSON, I. F. *Currículo: teoria e história*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- _____. I. F. *A construção social do currículo*. Lisboa: EDUCA, 1997.
- GUNN, C. A. Issues in Tourism Curricula. *Journal of Travel Research*, col. 36, spring, 1998, 74-77. 1998 Sage Publications, Inc.
- MATIAS, M. *Turismo: formação e profissionalização (30 anos de história)*. Barueri: Manole, 2002.
- OMT. *Introdução ao Turismo*. Trad. Dolores Martin Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001.
- RODRIGUES, A.B. (Org.). *Turismo, Modernidade e Globalização*. SP: Hucitec, 1999.
- SACRISTÁN, J. G. *O Currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- SANTOMÉ, J. T. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na Sala de Aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p.159-177.
- SEREJO, H. F. B. O lazer e a formação profissional em turismo no nível superior: reflexões no âmbito da instituição pioneira em Minas Gerais (1974-1985). *Licere*. Belo Horizonte, v.6, n.2, p. 43-60, 2003.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 17. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.
- SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- TRIBE, J. The Philosophic Practioner. *Annals of tourism Research*. Vol. 29, n. 2, pp 338-357. Elsevier Science Ltd, United Kingdom:2002
- TRIGO, L. G. G. *A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- _____. L. G. G. A importância da educação para o turismo. In: LAGE, B. *Turismo: Teoria e Prática*. São Paulo: Atlas, 2000.
- WERNECK, C. L. G., STOPPA, E. A., ISAYAMA, H. F. *Lazer e mercado*. Campinas: Papirus, 2001.